

A MULHER E A POESIA

Edigar de Alencar

DÓI ver de quando em quando os livros de poesia se acumularem na mesa, nas estantes, nas banquetas em meu redor, por falta de tempo para os ler e reler, que isso é que é de verdade ler poesia. Ler e declamar intimamente. Ler, reler e trêslar, para se deixar penetrar pela poesia que correja de alguns desses livros.

Com quase dois anos, só agora posso reler, ou melhor, ler devagar e atentamente, sem a superficialidade da primeira mirada, o volume «A Driede e os Dardos» (Liv. São José), de Maura de Senna Pereira. Poesia, repito, não admite leitura apressada. Nada da tal leitura dinâmica, que pode ser trabalho, técnica, exercício, mas nunca leitura para comover e nutrir, que é destino e virtude da poesia.

El é calmamente, somente agora todo abandonado aos poemas dessa mulher inteligentíssima, que tanto admiro de longe, que me deixo possuir pela beleza de um dos mais substanciais livros do gênero que me chegaram nesses dois ou três anos derradeiros. Mas não foi surpresa. Previra que iria participar de verdadeiro festim de poesia pura, pois a coletânea é uma seleção de inéditos e principalmente de poemas de outros livros conhecidos do excelente poeta que Santa Catarina emprestou ao Rio, levada seja a cidade amada de nós todos.

Já no título do poema de abertura («Busca-me em Flores»), Maura de Senna parece esboçar seu itinerário-legenda de poetiza maior, que porfia num páreo duríssimo em demonstrar o que nela mais avulta — a inteligência ou a sensibilidade.

Buscar-me solta amanhecendo
dentro da tarde na solidão selvagem,
Solta na mata cortada pelo arrole...

Empolgado pela musicalidade dos poemas que integram a bonita antologia, ilustrada por Quirino Campofiorito e Hugo Mund Jr., tenho que voltar páginas de quando a quando para enlevar-me na força lírica do poeta-mulher que se entrega aos ventos e ao sol e não se deixa abater pelas urzes da caminhada nem sempre florida e fácil:

Imprecações não ergo e sim ditirambos
e sim aleluias
e sim hosiânas
às pedras e às doras do caminho.

Grande é o poeta que como Maura de Senna Pereira, exuberante e ardorosa, plena de volúpia e vitalidade, em arrebatamentos de êxtase, não se perturba diante de vicissitudes ou derrotas, e ao contrário delas exaure toda a seiva dolorida que transforma em versos. Mesmo quando a derrota, que ela aceita como triunfo, se deriva dos anseios pungentes da maternidade frustrada:

«Oh!, não te arrependas não
que me deste glória e honra
pois eu só via o milagre da árvore estéril
carregada de frutos
e o sumo das uvas escorrendo
dos seios que nunca amamentaram.»

Na poética de vários tons de Maura de Senna Pereira, além dos cânticos de vida e sofrimento, de júbilos e lutas, há de quando em vez fábulas e alegorias como «Ad Imortalitatem», de muita percuciência. Mas é na mistura balsâmica dos elementos da natureza, principalmente ventos e águas, com as pungências e ânsias dos instintos em vibração que Maura de Senna se transubstancia em poemas e se transforma, ora na redondilha do seu nome; ora numa alegoria do vendaval, para usar suas próprias expressões e metáforas.

96x10,8
03c 0352-49.M5